

Angelo Passos

Jornalista, escreve às sextas-feiras neste espaço

Com base no consumo da classe média, alavancado por ampla oferta de crédito, o Iedi prevê crescimento de 6% das vendas do varejo em 2013

A força do consumidor

O cenário sugere cautela. A estrutura produtiva do país é frágil para exportar industrializados (não apenas os de alta tecnologia) e para concorrer no mercado interno com muitos importados. A logística é precária, a burocracia abundante e onerosa, os impostos excessivos, a taxa de investimentos baixa e a inflação persistentemente alta. Além disso, o governo Dilma é ao mesmo tempo intervencionista e piadista (nas análises e prognósticos do ministro da Fazenda).

Mas alheio a esse Brasil existe outro, menos estressado. É o dos cidadãos de renda média. Empregados (muitos inclusive obtendo reajustes reais no salário), com dinheiro no bolso e crédito fácil para parcelar compras a perder de vista, esses atores constituem uma curiosidade no cenário econômico brasileiro. O esforço anti-inflacionário que fazem é mínimo. Limitam-se a pechinchar preços, pontualmente. Não



faz parte de suas preocupações o risco de a inflação ultrapassar o teto anual de 6,5% estabelecido pelo Banco Central. Estão felizes como consumidores.

Matéria publicada há poucos dias no Estado de Minas define bem esse perfil de cidadão: “Mesmo com a Selic sendo elevada para 8,25% ao ano, é pouco provável que o consumidor hoje disposto a abrir a carteira deixe de fazê-lo apenas por esse fato”. O texto ressalta que isso não aconteceu nem nos últimos anos, quando a Selic era bem maior do que os atuais 7,25% ao ano.

Em contrapartida, esses consumidores evitaram que o crescimento fosse menor do que 0,9% em 2012. Livraram o país da estagnação. Foram os maiores responsáveis pelo resultado da pesquisa do IBGE que constatou aumento de 8,4%

nas vendas do varejo em 2012. Eles também avalizam projeções importantes, como a do Iedi (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial), segundo a qual o setor varejista crescerá 6% em 2013.

A melhor resposta que o governo pode dar a essa situação é reduzir seus gastos para ajudar a conter a inflação sem elevar (muito) os juros. Mas tem que ser logo.

João Batista Cavaglieri

É presidente do Sindfer e representante dos trabalhadores no Conselho de Administração da Vale
E-mail: joabatista@sindfer.com.br

A questão ambiental não pode ficar restrita aos ativistas. Todos devemos discuti-la, inclusive os trabalhadores, em busca da sustentabilidade

Todos somos responsáveis

Tida até pouco tempo como um bizarro exercício intelectual de meia dúzia de ativistas, a questão ambiental começa a ser discutida seriamente nos meios acadêmicos, governamentais, empresariais, sindicais e mesmo religiosos. Nesta semana o papa Francisco inaugurou seu pontificado rogando a todos “para que cuidem um do outro e do meio ambiente”.

No Brasil, acaba de ser editado livro do economista romeno Nicholas Georgescu-Roegen, criador nos anos 1960 do original pensamento segundo o qual economia e meio ambiente são indissociáveis. Incompreendido, foi levado ao ostracismo. Somente agora foi reabilitado por economistas do calibre de Delfim Netto e do ex-presidente do Banco Central Ibrahim Eris.

Há duas semanas, trabalhadores da CUT marcharam em Brasília em defesa do meio ambiente, entre outros temas. Na iniciativa privada, a preocupação é a mesma. Positivamente pressionados por sindicatos que atuam em seu interior e defendem um modelo cidadão de sindicalismo, empresas como a Vale já perceberam que responsabilidade socioambiental não pode se resumir ao conteúdo

dos relatórios de sustentabilidade.

No Dia Mundial da Água cabe refletir sobre o papel de cada um dos agentes acadêmicos, intelectuais, governantes, empresários, sindicalistas e religiosos na despoluição, recuperação e preservação dos nossos rios. A Vale tem nos recursos naturais os insumos para suas operações, uma vez que vários processos dependem de energia e, claro, água. Trata-se de um compromisso ético, portanto, se engajar na recuperação dos ecossistemas naturais associados a essa fonte como, por exemplo, a bacia do Rio Doce, o que a empresa já tem feito, através de parceria com o Instituto Terra.

Mas outros rios clamam por socorro. Como o Jucu, que gera energia elétrica, desenvolvimento, irrigação de lavouras, turismo, pesca e abastecimento de água para mais de 1,5 milhão de habitantes na Grande Vitória e arredores, desembocando em Vila Velha, mas que sofre com o desmatamento da nascente, redução de mata ciliar, lançamento de dejetos industriais e esgoto in natura. A despoluição, recuperação e preservação de sua bacia é um projeto urgente. Um projeto de ecologia social.

Que se avance na questão ambiental e se discuta o ambiente inteiro. Que insira trabalhador e sociedade dentro da natureza de forma sustentável em contraponto ao modelo de desenvolvimento que se firma na pilhagem dos recursos da Terra e exploração da força de trabalho. Nossos finitos e frágeis recursos naturais clamam por essa reflexão.

Mário Tadeu Penedo Borges

É médico, professor de Medicina do Ufes e escritor

A sexagenária capela Santa Teresinha, no Hucam, estava abandonada havia 15 anos

A capela que cura está sendo restaurada

No início da década de 1950, os pacientes internados por longos períodos no sanatório Getúlio Vargas (hoje Hospital das Clínicas) solicitaram ao então diretor desta instituição, o médico humanista (e também pioneiro no tratamento de tuberculose no Espírito Santo) Jaime dos Santos Neves, que aí construísse uma capela para suas orações pessoais e missas dominicais.

Dr. Jaime atendeu-lhes o pedido e

construiu uma linda capela próxima ao sanatório e também cercada por belas árvores. Na tradição cristã-católica, Santa Teresinha é a padroeira dos tuberculosos, pois ela faleceu devido a essa doença. Assim a bela capela recebeu o nome desta santa.

Nos anos seguintes este templo religioso, muito bem construído e localizado, atendeu plenamente aos anseios espirituais de todos que frequen-

tavam o sanatório e posteriormente o atual Hospital das Clínicas (Hucam).

Nos últimos 15 anos, porém, a nossa capela sexagenária sofreu a crueldade do abandono (fechada e sem manutenção) e da indiferença de toda comunidade da nossa universidade, sendo agredida e depredada de todas as formas. A capela carregou durante estes últimos anos a sua pesada cruz. Com certeza dr. Jaime e todos que aí receberam o sacramento do matrimônio ou as orações de suas exéquias não estavam felizes com a desatenção dispensada à sua capela.

A partir de setembro de 2012, a Câmara Técnica de Humanização do Hucam foi iluminada e a sua coordenadora, Janildes I. Santos, incumbiu-me da divina e maravilhosa missão de res-

taurar e reabrir a capela.

Estamos em um árduo, porém realizador processo para atingirmos esse objetivo sem verba oficial, obtendo recursos financeiros através da venda do livro de minha autoria, “A Lua Cheia Nasce Para Todos”, e doações feitas por corações generosos, além da enorme ajuda da prefeitura da Ufes.

A obra de restauração da capela está caminhando muito bem, mas estamos necessitando da participação de todas as comunidades dos bairros vizinhos ao Hospital das Clínicas. Temos certeza de que com esta participação e a permanência de Deus ao nosso lado, como tem ocorrido até agora, atingiremos o nosso objetivo e a capela (de novo bela) será reaberta ainda em 2013.